

economia - Brasil

# Nova geografia econômica do Brasil

O Plano Plurianual (PPA), anunciado nesta semana pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, responde à expectativa de homens de empresa, profissionais liberais, acadêmicos e técnicos que se têm dedicado a pensar os rumos futuros do desenvolvimento nacional.

O PPA não impressiona apenas pelo volume de recursos previstos (R\$ 1 trilhão, equivalentes a cerca de US\$ 585 bilhões, para investimento ao longo de quatro anos), mas também pela concepção de uma economia racionalmente integrada. Muito há que ser feito para atender às demandas sociais — e a maior parte dos recursos do PPA é destinada às áreas de educação, saúde e saneamento básico —, mas qualquer iniciativa de planejamento permaneceria incompleta se não levasse em conta a nova geografia econômica do País no limiar do século XXI.

O PPA não foi improvisado em razão de circunstâncias políticas momentâneas, como alguns maliciosamente querem fazer crer. Ainda nos últimos anos de seu primeiro mandato, o presidente determinou estudos e levantamentos para a elaboração de um programa de desenvolvimento a partir de dados da realidade, incorporando sugestões de representantes de toda a sociedade. Os fatos coligidos mostraram que o desenvolvimento nacional se vem processando por meio de grandes eixos, cuja infra-estrutura deve ser urgentemente fortalecida como forma de atrair um maior volume de investimentos privados.

Como especificou o presidente, a ação do governo, com a colaboração privada, sempre que viável, se concentrará na execução de 358 projetos estratégicos selecionados que se articulam ao longo de eixos de integração e desenvolvimento, cobrindo todo o território nacional. São eles: o eixo Arco Norte e o Madeira-Amazonas, na Amazônia; o Transnordestino e o São Francisco, no

## Os eixos de desenvolvimento consagram uma nova visão da integração nacional

Nordeste; o Rede Sudeste, na região Sudeste; o Oeste e o Araguaia-Tocantins, no Centro-Oeste e no Sudoeste-Sul, na região Sul. As verbas não serão alocadas por ministério, mas

por programas, com prazos para sua concretização, de modo a que ganhem em eficiência. Pela sua própria natureza, os eixos não são selecionados pelas divisas estaduais e pode bem ser que, como disse o presidente, para que um estado ou alguns estados possam desenvolver-se mais rapidamente os investimentos na infra-estrutura devam ser feitos em outra unidade da Federação. Exemplos: Goiás e Espírito Santo beneficiam-se de investimentos em trechos ferroviários em Minas, a hidrovia do rio Madeira, no Amazonas, vem impulsionando o desenvolvimento de Mato Grosso e Rondônia, etc.

Essa visão é um elemento de capital importância para a avaliação tanto do potencial de crescimento

do mercado interno como da capacidade exportadora do País e não temos dúvida de que os empresários a tomarão como orientação para investimentos. Será por aí que virão os 8,5 milhões de empregos, cuja criação é prevista no PPA.

Trata-se da proposta mais ambiciosa para o desenvolvimento desde o Plano de Metas do governo Kubitschek. Há diferenças fundamentais, porém, em relação àquele projeto histórico. O governo deve contar com a parceria do setor privado, decorrência natural do processo de desestatização. O PPA também não contempla a expansão do parque industrial ou a implantação de nenhum setor no País. Isso fica a cargo da iniciativa privada, com o apoio, se e quando for o caso, do BNDES.

Ademais, o PPA não pressupõe maior presença do Estado na economia. Não só porque serão feitas parcerias nos empreendimentos como também porque não se vai estatizar nada, podendo, de fato, haver no futuro uma nova rodada de concessão de serviços públicos no setor de transporte. Mas principalmente porque a ação do governo é destinada a proporcionar uma expansão muito maior da economia privada, seja na agropecuária, seja na indústria e nos serviços, do que do setor público.

O conceito de eixo de desenvolvimento deve ser entendido sobretudo como uma nova forma de encerrar a integração nacional. Na realidade, os brasileiros podem agora, depois de séculos, vislumbrar um país fisicamente unido através de grandes módulos espaciais intercomunicantes. ■